

TEXTO I

QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI
ERRADO, E QUERENDO EMENDÁ-LO O TEM
POR EMPRESA DIFICULTOSA

Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ornadas,
Do que anda só o engenho mais profundo

Não é fácil viver entre os insanos,
Erra, quem presumir, que sabe tudo,
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,
Que é melhor neste mundo o mar de enganar,
Ser louco c'os demais, que ser sisudo.

(MATOS, Gregório de. *Os homens bons: A musa
praguejadora*. In: *Obras completas de Gregório de Matos
(Crônica do viver baiano seiscentista)*. Salvador: Janaína,
1968. 7 vols. p. 442, v. II. Ortografia atualizada.)

TEXTO II

RENÚNCIA

Chora de manso e no íntimo... Procura
Curtir sem queixa o mal que te crucia:
O mundo é sem piedade e até riria
Da tua inconsolável amargura.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.
Aprende a amá-la que a amarás um dia.
Então ela será tua alegria,
E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...
Sofre sereno e d'alma sobranceira,
Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante companheira...

Teresópolis, 1906

(BANDEIRA, Manuel. *A cinza das horas*. In: _____.
Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova
Aguilar, 1993. p. 151.)

Questão 1

Os quartetos de Gregório de Matos propõem um problema e uma solução. Explícite-os sem copiar do texto.

O mundo encontra-se em desconcerto, nos informa o poeta. Ele se sente “pesado”, uma metáfora para exprimir suas dificuldades em tentar trilhar o caminho correto em uma sociedade que não compreende. Percebendo a impossibilidade de sozinho enfrentar as mazelas do mundo, decide se juntar aos outros, mesmo que isso signifique viver no meio de pessoas “insanas”.

Questão 2

A que se refere a renúncia do eu-lírico no texto II?

O eu-lírico, Np Texto II, renuncia às tentativas de buscar uma felicidade ilusória, encontrando conforto na dor e na tristeza, de modo que, aceitando-as plenamente, possa crescer com elas e libertar-se da expectativa por uma falsa alegria oriunda de um mundo vil.

Questão 3

Em que aspecto se assemelham as conclusões dos poemas de Gregório de Matos (texto I) e Manuel Bandeira (texto II)?

Em ambos os casos, o tema abordado pelo eu-lírico é a aceitação (resignação) da vida como ela é. Em GM, o eu-lírico renuncia às próprias convicções para adequar-se à maioria, por ele considerada insana; em MB, o eu-lírico se submete à inevitabilidade da dor, preferindo assim torná-la companhia que não destrói. Ambos enfim admitem e destacam a própria inadequação diante da sociedade em que vivem.

Texto III

SONETO DO EPITÁFIO

Lá quando em mim perder a humanidade
Mais um daqueles, que não fazem falta,
Verbi-gratia — o teólogo, o peralta,
Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade:

Não quero funeral comunidade,
Que engrole “sub-venites” em voz alta;
Pingados gatarrões, gente de malta,
Eu também vos dispenso a caridade:

Mas quando ferrugenta enxada edosa
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,
Lavre-me este epitáfio mão piedosa:

“Aqui dorme Bocage, o putanheiro;
Passou vida folgada, e milagrosa;
Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro”.

(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. In: LAJOLO, Marisa. (Org.) *Literatura Comentada: Bocage*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 91. Ortografia atualizada.)

Texto IV

LEMBRANÇAS DE MORRER

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde o fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

[...]

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
Foi poeta – sonhou – e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos.
Deixai a lua pratear-me a lousa!

(AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos Vinte anos*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 188-189.)

Questão 4

Com base nos textos III e IV, responda:

- a) Quais são as características do soneto de Bocage (texto III) que nos permitem identificá-lo como satírico?

As características que nos permitem identificar o soneto de Bocage como satírico são: um registro incomum da linguagem, a construção do epitáfio, a crítica à sociedade e a visão da morte.

- b) Os poemas de Bocage (texto III) e Álvares de Azevedo (texto IV) tratam diferentemente do mesmo tema. Identifique esse tema e explicita as maneiras como cada autor o trata, relacionando-as com o contexto de época.

Ambos os textos tratam da morte. Bocage a trata com escárnio e humor, banalizando-a; já Álvares de Azevedo trata a morte por meio das características românticas: pessimismo, morbidez, evasão da realidade, sentimentalismo e subjetivismo.